

# 'Afinal, Você Também Trabalha?' Reflexões Sobre o *Não Trabalho* no Ambiente da Pós-Graduação em Administração

**Josiel Lopes Valadares**

Programa de Pós Graduação em Administração – PPGA – Universidade Federal de Lavras – Brasil

**Alex dos Santos Macedo**

Programa de Pós Graduação em Administração – PPGA – Universidade Federal de Lavras – Brasil

**Valderí de Castro Alcântara**

Programa de Pós Graduação em Administração – PPGA – Universidade Federal de Lavras – Brasil

**Flávia Luciana Naves Mafra**

Programa de Pós Graduação em Administração – PPGA – Universidade Federal de Lavras – Brasil

## Resumo

Neste ensaio refletimos sobre a centralidade e as problemáticas do trabalho (*não trabalho*) no ambiente de pós-graduação em Administração por meio da categoria teórica subjetividade coletiva. O *locus* de análise é o contexto da pós-graduação *stricto sensu* em Administração. Este ensaio foi impulsionado pelas discussões sobre o produtivismo acadêmico e seus impactos na *vida humana associada* dos pós-graduandos - que observamos e vivenciamos. Destacamos as relações construídas mediante subjetividades, bem como, as esperanças de fuga da proletarização acadêmica advindas da reflexividade diante das demandas e exigências da pós-graduação.

**Palavras-chave:** Subjetividade Coletiva. Produtivismo. Proletarização Acadêmica. Prazer e Sofrimento.

# 'After all, you also work?' Reflections on the *Not Labor* in the Environment Postgraduate Management

**Josiel Lopes Valadares**

Programa de Pós Graduação em Administração – PPGA – Universidade Federal de Lavras – Brazil

**Alex dos Santos Macedo**

Programa de Pós Graduação em Administração – PPGA – Universidade Federal de Lavras – Brazil

**Valderí de Castro Alcântara**

Programa de Pós Graduação em Administração – PPGA – Universidade Federal de Lavras – Brazil

**Flávia Luciana Naves Mafra**

Programa de Pós Graduação em Administração – PPGA – Universidade Federal de Lavras – Brazil

## **Abstract**

In this essay we reflect on the centrality and the problems of labor (not labor) in postgraduate in Management environment by theoretical category collective subjectivity. The locus of analysis is the context of strictu sensu postgraduate programs in Management. This essay was driven by discussions on academic productivism and its associated impacts on human life of postgraduate students - which we observed and experienced. We highlight the relationships built upon subjectivities, as well as the hopes of escape from academic resulting proletarianization of reflexivity on the demands and requirements of graduate school.

**Keywords:** Collective Subjectivity. Productivism. Academic Proletarianization. Pleasure and Suffering.

## 1 Introdução

Considerando o senso comum expresso por familiares, amigos e até mesmo colegas que questionam quando revelamos nosso engajamento na pós-graduação, podemos observar que, para eles, o trabalho na pós graduação (e aqui referimos ao estudante de pós-graduação *stricto sensu*) na verdade é um *não trabalho*, ou seja, as atividades desenvolvidas nesse espaço social não são consideradas 'trabalho'. Quem (pós-graduandos) nunca ouviu a tão popular pergunta: 'afinal, você também trabalha?' ou ainda 'você só estuda, não trabalha?'. Este posicionamento em relação ao pós-graduando tem sido coletiva (e talvez individualmente) aceito, consolidando a perspectiva de que a prática de estudo e pesquisa não se encaixa naquilo que naturalmente se denomina de trabalho. Vemos, nesse sentido, que grande parte das pessoas ingressa na pós-graduação sem ter conhecimento das rotinas e exigências dos programas.

Apesar disso, quando iniciamos o curso de pós-graduação em Administração nos deparamos com uma realidade que se contrapõe a essa visão, pois, apesar de ser tratado, no senso comum, como lugar de *não trabalho*, é um ambiente marcado por exigências de metas, produtividade e inovação que envolve produção de artigos científicos, realização de projetos, organização de eventos, gestão de grupos, docência e outras atividades. Assim, esse ambiente, tem se aproximado, de um ambiente competitivo e dinâmico do mercado de trabalho empresarial (Alcadipani, 2011a; 2011b). Outrossim, Antunes (1999; 2003; 2010) apresenta as exigências ao trabalhador moderno, destacando que ele deve ser polivalente, multifuncional, qualificado e com alta produtividade. Essas são características exigidas em nosso contexto de análise, no dia a dia da pós-graduação *stricto sensu* em Administração. Consequentemente, vemos que a lógica de mercado (Ramos, 1981) também é um crivo para as atividades acadêmicas - o produtivismo supera a reflexividade no trabalho dos pós-graduandos em Administração. Lembramos ainda, que na década de 1980, Guerreiro Ramos já alertava sobre as escolas, universidades e demais centros de ensino que encorajavam uma visão pré-reflexiva transformando os alunos em "não doutos especialistas, mas apenas escriturários acadêmicos" (Ramos, 1981, p. 114).

Por conseguinte, na área da Administração, o acúmulo de pesquisas que, muitas vezes, apresentam pouca importância e originalidade, é recorrente, como avaliaram Faria & Meneghetti (2010), Trein & Rodrigues (2011), Alcadipani (2011a; 2011b), Machado & Bianchetti (2011), Godoi & Xavier (2012), Vizeu et al. (2012) e Patrus et al. (2013). Tais estudos indicam que o evidente crescimento quantitativo (marcante do fenômeno

denominado produtivismo acadêmico) da produção acadêmica brasileira em Administração não reflete em qualidade, rigor, relevância e originalidade. Além disso, o produtivismo acadêmico impacta toda a *vida humana associada* (usando expressão do próprio Guerreiro Ramos) dos pós-graduandos.

Observamos desta maneira, que apesar de ser considerada *não trabalho*, a pós-graduação em administração (nossos debates se restringem a essa) se configura como um espaço de trabalho com exigências cada vez mais pautadas em relação à produtividade; cujos critérios se aproximam do 'mercado de trabalho' mesclando características do modelo fordista e pós-fordista de produção capitalista. Diante do exposto, queremos dizer que o ambiente acadêmico passa a assemelhar-se de forma mimética com o ambiente de mercado anômalo produzido pelo capitalismo e pela precarização do trabalho na pós-graduação. Conforme aponta Godoi & Xavier (2012) estas anomalias estão presentes na própria produção dos *papers* acadêmicos, nas relações de autoria e coautoria, no papel representado pelos Programas de Pós-Graduação, no papel representado pelos eventos e periódicos. Segundo os pesquisadores as anomalias do produtivismo impacta a vida associada dos pesquisadores e pós-graduandos no que tange à sua saúde e num contexto mais amplo e preocupante na qualidade da produção científica e também nos valores da próxima geração de pesquisadores/professores. O ambiente da pós-graduação sob a perspectiva do mercado passa então a uma “ênfase exacerbada na produção de uma grande quantidade de algo que possui pouca substância, o foco em se fazer o máximo de uma coisa enlatada, com pouco conteúdo e conseqüente valorização da quantidade como se fosse qualidade” (Alcadipani, 2011b, p. 1174). O produtivismo passa a ressignificar o valor do ambiente na pós-graduação em administração trazendo para o centro da prática de pesquisa uma racionalidade instrumentalizada em forma de *papers* e projetos. O valor acadêmico é subsidiado pela quantidade de produção acadêmica cara à perspectiva gerencialista propagada pela *management industry* (Costa et al, 2014). Portanto, no contexto do produtivismo “vimos gestores de projetos, burocratas de *papers*” (Alcadipani, 2011b, p. 1176).

Para a consecução desta pesquisa procuramos destacar uma visão não dicotômica entre ação e estrutura e para isso buscamos as discussões presentes nas obras de Domingues (1996; 1999a; 1999b; 2003; 2006) especialmente pela categoria teórica: subjetividade coletiva. Segundo o autor “a história das ciências sociais em geral e a da Sociologia em particular têm-se caracterizado por uma forte polarização entre os conceitos

de indivíduo e sociedade - ou, mais contemporaneamente, sistema ou estrutura” (Domingues, 1996, p. 175). Adiante, esses conflitos ontológicos entre ação e estrutura acompanharam também os estudos organizacionais de forma marcante e as tentativas de superação ainda caem em determinados reducionismos (Reed, 1999).

Nesse sentido, ao discutir o ambiente de *não trabalho* (expressão do senso comum) na pós-graduação pretendemos não polarizar a estrutura (reduzida às regras, normas e imposições dos programas de pós-graduação) ou os indivíduos (os valores, desejos, impulsos dos pós-graduandos em Administração), mas, abordar as suas relações sem polarizar os imperativos estruturais dos programas de pós-graduação ou os pós-graduandos isoladamente.

Consequentemente, nossa abordagem admite a influência da estrutura sobre os indivíduos, mas, acreditamos que estes através da reflexividade podem reafirmar posicionamentos, resistências, manifestar uma perspectiva mais crítica frente ao processo de trabalho, que, por sua vez, não pode ser separado de outras dimensões da vida. Ressaltamos, portanto, a capacidade do ser humano de resignificar suas relações no mundo social e natural e construir e reconstruir “[...] as identidades individuais e coletivas nos processos interativos” (Domingues, 1999a, p. 9). E o trabalho, é um desses processos fundamentais para a construção das identidades e, enfim, da existência humana (Marx, 1996; Faria & Schmitt, 2007; Antunes, 2009; Cardoso, 2011). Logo, as relações de trabalho na pós-graduação são inseridas em ações e relações objetivas e subjetivas, isto é, um plano social e simbólico formado por subjetividades e por objetos concretos.

Assim, diante deste cenário, temos por objetivo neste ensaio, refletir sobre a centralidade e as problemáticas do trabalho (*não trabalho*) na pós-graduação em Administração por meio da categoria teórica de subjetividade coletiva. Com isso pretendemos que este trabalho levante novas questões sobre os desafios da formação na pós-graduação *stricto sensu* em Administração e apresente antigas e novas críticas ao produtivismo acadêmico e seus impactos na *vida humana associada* dos pós-graduandos.

Como *locus* de análise escolhemos o *lugar do qual falamos*: pós-graduação *stricto sensu* em Administração em uma Instituição Federal de Ensino Superior no Brasil constituída por mestrandos, doutorandos, docentes e pesquisadores com histórias de vidas distintas, memórias, lembranças, tal como condições sociais e econômicas diversas. A partir do contato com outros colegas e também na nossa própria rede de colegas da pós-graduação estabelecemos diálogos sobre o trabalho neste ambiente. Assim, resolvemos

construir este trabalho para fins reflexivos e para compartilhar tais inquietações com outros pós-graduandos e pesquisadores que possivelmente estejam vivenciando o mesmo processo. Finalmente, é importante frisar que nossa análise não é sobre o trabalho docente (como professor), e sim, do *trabalho* dos pós-graduandos.

Nesse sentido, o presente ensaio utiliza da noção de ensaio teórico apresentada no debate entre Meneghetti (2011a; 2011b) e Bertero (2011) utilizando de ponderações de ambos, isto é, houve um planejamento inicial e, no entanto, o processo levou a caminhos não pensados anteriormente, onde novas vozes surgiram e foram colocadas para dialogar. Nesse caminho, a liberdade concedida pela tentativa de refletir sobre a nossa realidade foi fundamental e de tal forma, rompeu-se, pelo menos parcialmente, com a linearidade da construção científica normal. É claro que falar sobre um contexto no qual se é também sujeito, coloca obstáculos subjetivos e concretos que envolvem os processos de socialização e relações de poder que certamente estão também presentes no desenho deste ensaio.

Além dessa introdução, o artigo está construído em mais quatro partes. Na parte dois abordamos a realidade do trabalho na pós-graduação em Administração. Na seguinte buscamos avançar através da categoria teórica subjetividade coletiva e o sofrimento/prazer no trabalho acadêmico altamente produtivista. Por fim, nas considerações finais apresentamos as reflexões sobre o processo de construção deste estudo.

## **2 O Trabalho e o 'Não Trabalho' na Pós Graduação em Administração**

As mudanças na organização do trabalho não foram suficientes para eliminar a exploração e deteriorização das relações de trabalho. Braverman (2011) evidencia que com a revolução técnico-científica o trabalhador passou a praticar mais trabalho excedente que consubstanciou no processo de mais-valia. Nesse sentido, a consolidação do modelo capitalista alavancou a busca pelo trabalho assalariado, e pelo viés da lógica do capital, muitos trabalhadores entregaram sua força para as grandes indústrias e corporações. O mundo corporativo, desta maneira, estabeleceu a lógica de que é através do trabalho que os indivíduos poderiam alcançar mais fama, *status*, poder e conseqüentemente um lugar na sociedade (Aktouf, 2004; Antunes, 2009; Braverman, 2011).

Em termos históricos observarmos que a revolução industrial contribuiu de forma substancial para que o trabalho tornasse central na vida humana. A mecanização e a produção em larga escala mudou completamente o trabalho humano, trazendo para a vida

organizacional e inclusive para a vida das pessoas a necessidade de maior carga horária de trabalho (Aktouf, 2004; Braverman, 2011). Ressaltamos que essa revolução, inclusive, foi uma das molas mestras para a consolidação do modo de produção capitalista. Marx (1996) já salientava esse processo de acumulação do capital ao discutir a separação do agente do processo de trabalho e a posse dos meios de produção: “tal separação constitui condição prévia indispensável ao surgimento do modo de produção capitalista e lhe marca o caráter de organização social historicamente transitória” (Marx, 1996, p. 17).

Consequentemente, o modelo dominante de acumulação de capital e suas alternativas de respostas como o neoliberalismo e a reestruturação produtiva vêm dando sinais de crise ao apresentar dentre outras mazelas o desemprego estrutural, elevado contingente de trabalho em condições precárias, bem como o aumento da degradação ambiental decorrente da relação homem/natureza (Antunes, 2009). Para esse autor, “a lógica do sistema produtor de mercadorias vem convertendo a concorrência e a busca da produtividade num processo *destrutivo* que têm gerado uma imensa precarização do trabalho e aumento monumental do exercício industrial de reserva, do número de desempregados” (Antunes, 2009, p. 18). No entendimento Appay & Thébaud-Mony (2009, p. 195) “instala-se um processo permanente de precarização social que reforça continuamente a subjugação de homens e mulheres, ativos e inativos, às necessidades da produtividade e da competitividade das empresas”.

Na teoria organizacional a abordagem clássica, representada pela administração científica de Frederick Taylor, pela abordagem dos processos de Fayol e pela produção em massa de Henry Ford, impulsionou a utilização do trabalho como forma mecanizada fazendo do trabalhador uma *mera extensão da máquina* e de todo o processo de produção capitalista (Braverman, 2011). Mais adiante, em uma abordagem pautada na psicologia Dejours (2004) alerta sobre os impactos desse processo na vida humana.

As consequências desses princípios da organização do trabalho são, de um lado, o crescimento extraordinário da produtividade e da riqueza, mas, de outro, a erosão do lugar acordado à subjetividade e à vida no trabalho. Disto resulta um agravamento das patologias mentais decorrentes do trabalho em crescimento em todo o mundo ocidental, o surgimento de novas patologias, em particular os suicídios nos próprios locais de trabalho – o que não acontecia jamais antes da virada neoliberal – e o desenvolvimento da violência no trabalho, a agravação das patologias da sobrecarga, a explosão de patologias do assédio (Dejours, 2004, p. 34).



Não obstante, observamos as pessoas em busca de emancipação através do trabalho. Por isso, Antunes (2009, p. 12) apresenta que o processo de trabalho assume uma lógica contraditória, pois, ao mesmo tempo “[...] emancipa e aliena, humaniza e sujeita, libera e escraviza [...]” o trabalhador. Logo, existe neste também um potencial emancipatório. Para que isso seja possível é importante que o indivíduo não se torne prisioneiro das estruturas organizacionais e que seja capaz de refletir sobre suas práticas, caso contrário, o trabalho se distancia da sua possibilidade emancipatória. Assim, partimos do pressuposto de que o trabalho realmente tem sido um elemento central na vida das pessoas, inclusive nas nossas, e que muitas vezes a falta de reflexividade em relação à esse contribui para que o indivíduo se torne um refém do *próprio trabalho* (enquanto apenas comportamento mecanomórfico). Acreditamos também, que o trabalho regrado pela lógica da mercadoria se perpetua em distintos espaços, inclusive, aqueles considerados locais de *não trabalho*, como o ambiente da pós-graduação.

Conquanto a lógica do trabalho capitalista tornou-se tão central para o cotidiano que diversos ambientes de *não trabalho* têm sido dominados pela lógica fetichista e mecanicista de produção. Um desses ambientes, conforme apresentamos no início deste trabalho é a pós-graduação em Administração que problematizamos através da expressão ‘Afinal, você também trabalha?’ ou ainda ‘Você só estuda, não trabalha?’. Esse ambiente permeado pela lógica de trabalho capitalista produto do enclave do mercado e das novas diretrizes da educação proporcionou o fenômeno do produtivismo acadêmico (Alcadipani, 2011a; 2011b; Machado & Bianchetti, 2011; Godoi & Xavier, 2012; Magro et al., 2013).

Primeiramente, é importante destacar que este *não trabalho* acadêmico se aproxima por um lado da categoria trabalho imaterial e por outro de um proletariado acadêmico nos moldes de produção taylorista-fordista (principalmente). Na primeira direção, este *não trabalho* possui características de imaterialidade, isto é, se aproxima de um “o conjunto de atividades corporais, intelectuais, criativas, afetivas e comunicativas inerentes ao trabalhador” (Grisci, 2008, p. 4). Aqui se torna necessário uma distinção entre trabalho material e imaterial. Para Amorim (2014) o primeiro estaria relacionado ao trabalho manual e o segundo ao intelectual e revela que em Marx esses conceitos seriam abstrações concretas.

Para Marx (1996, p. 29) o “trabalho concreto, [...] responde pelas qualidades físicas do objeto, e trabalho abstrato, enquanto gasto indiferenciado de energia humana. O trabalho abstrato, pelo fato de estabelecer uma relação de equivalência entre os



variadíssimos trabalhos concretos, vem a ser a substância do valor”. Em Amorim (2014, p. 36) temos que “o trabalho concreto, particular, específico e distinguível se subordina histórico-socialmente ao trabalho abstrato, isto é, um trabalho em geral e que expressa diferentes quantidades de valor, fator que os torna socialmente intercambiáveis”. Adicionalmente o autor pondera que o trabalho abstrato no pensamento de Marx seria um regulador das trocas mercantis, pois, no escambo de mercadorias no sistema capitalista, a particularidade dos trabalhos concretos não seria levada em consideração, no entanto, eles seriam a base para elevar a produtividade do trabalho abstrato com o intuito de aumentar o capital. Em Antunes (2012) podemos observar claramente este processo no momento que autor descreve as principais tendências da reestruturação produtiva e suas consequências para o mundo do trabalho nos setores automobilístico, de telecomunicações e telemarketing, bancário, têxtil e confecções, calçados e artístico revelando que:

em plena *era da informatização do trabalho*, do mundo maquinal da era da acumulação digital, estamos presenciando a *época da informalização do trabalho*, caracterizada pela ampliação dos terceirizados, pela expansão dos assalariados do *call center*, subcontratados, flexibilizados, trabalhadores em tempo parcial, teletrabalhadores, pelo *cyberproletariado*, o proletariado que trabalha com a informática e vivencia outra pragmática, moldada pela desrealização, pela vivência da precarização, daquilo que neste livro, sugestivamente, Luciano Vasapollo denominou «trabalho atípico» (Antunes, 2012, p. 58-59).

Como colocou Amorim (2014) o capital intercambia a produção de mercadorias materiais e imateriais e para tanto, adota diversas estratégias como a produção em diversas partes do globo e também de diferentes aparatos tecnológicos e gerenciais. Assim, “essa combinação de formas de produção industrial tradicionais, com um continente cognitivo, que até ontem foi pouco explorado pelo capital, alargou a dominação e a exploração do trabalho, racionalizando ainda mais os processos de trabalho” (Amorim, 2014, p. 43). Ricardo Antunes (2012, p. 47) ao tratar da Nova Morfologia do Trabalho no Brasil aponta que nos tempos atuais percebe-se que “enormes enxugamentos da força de trabalho combinam-se com mutações sociotécnicas no processo produtivo e na organização do controle social do trabalho”. Além disso, soma-se a flexibilização, a desregulamentação dos direitos sociais, a terceirização, as novas formas de gestão da força de trabalho (Antunes, 2012). O autor aponta que garantidas as formas destrutivas do capital, “oscilamos crescentemente entre a perenidade de um trabalho cada vez mais reduzido, intensificado e mais explorado, dotado de direitos, e uma superfluidade

crescente, cada vez mais geradora de trabalho precarizado e informalizado, como via de acesso ao desemprego estrutural” (Antunes, 2012, p. 59).

Nessa direção, Antunes (1999) fala de um trabalho multifuncional e qualificado tal como é demandado do pesquisador, professor, discente e outros encaixes que o pós-graduando assume durante o processo. Assim, o trabalho acadêmico exige alto envolvimento pessoal e dedicação em um tempo muito superior a clássica jornada de trabalho. Dispensa entre outras coisas feriados e folgas. Em paralelo com o trabalho bancário discutido por Weber & Grisci (2011) ele exige autocontrole, engajamento subjetivo, disponibilidade total, alta performance e produtividade, itens exigidos pela lógica de mercado. E ainda, consoante leitura de Faria & Meneghetti (2007), esses processos podem levar ao sequestro da subjetividade dos indivíduos envolvidos.

Na direção do proletariado acadêmico destacamos a produção acadêmica em série, padronizada, sem variações teóricas ou metodológicas cujo fim imediato é atender as demandas das instituições de financiamento. Assim, conforme Alcadipani (2011a, p. 347) "trata-se da imposição da lógica do tempo empresarial taylorista-fordista em algo que é essencialmente artesanal" (Alcadipani, 2011a, p. 346). Dentro de uma lógica instrumentalizada o produtivismo se transforma em fim das pesquisas acadêmicas.

No Brasil, a produção acadêmica se transformou em sinônimo de fazer pontos [...] Não é incomum pesquisadores produzirem cinco ou seis artigos em um mesmo ano [...]. Não é incomum vermos alunos serem coagidos a colocar o nome de orientadores em artigos e trabalhos que jamais foram lidos pelo orientador. Na lógica da academia produtivista, o tempo para reflexão é deixado de lado, a formação de alunos é escamoteada e o desenvolvimento intelectual significa apenas números em uma tabela (Alcadipani, 2011a, p. 347).

Finalmente, mesmo com a constatação da proximidade simultânea (ou talvez exatamente em função dela) com um trabalho imaterial e por outro lado proletário, usamos aqui a denominação de *não trabalho*. O uso da expressão tem referência na indefinição e não reconhecimento do trabalho na pós-graduação entre esses dois eixos – imaterial e proletário -, mas também nas qualificações cotidianas, do senso comum, presentes para os autores, segundo as quais cursar um mestrado ou doutorado não é trabalhar.

Em virtude do que foi mencionado, nossa constatação inicial é que este ambiente está sendo permeado por uma lógica que se aproxima do conhecido ambiente de trabalho (do

mercado ou de outras organizações). E assim, o *local de onde falamos*, tem sido dominado por esta lógica e os imperativos do chamado 'mundo do trabalho' (que comumente exclui o nosso). E nesse ínterim, o nosso entendimento é de que isso se reflete no produtivismo acadêmico.

Para Trein & Rodrigues (2011, p. 780), o produtivismo “é o resultado lógico-necessário da subsunção do valor de uso do conhecimento ao seu suposto valor de troca. O produtivismo é fantasma-fetiche que assombra/seduz, com promessas e ameaças, a Academia”. A tese dos autores é que o conhecimento desenvolvido na academia está perdendo seu valor de uso em detrimento do valor de troca, seguindo a mesma lógica que rege o sistema capitalista. Logo,

[...] em nossa sociedade, as coisas, as pessoas, e o próprio conhecimento científico sofre um empuxo à mercantilização, ou seja, a subsunção de seu valor de uso ao valor de troca. O conhecimento científico, nessa perspectiva, só tem valor se tem valor de troca, se é conversível em outra mercadoria, se pode ser mercantilizado [...] (Trein & Rodrigues, 2011, p. 776).

Historicamente o produtivismo pode ser compreendido criticamente como um “fenômeno cultural, de origem econômica, ideológica e filosófica” (Godoi & Xavier, 2012, p. 456). Autores como Bianchetti & Sguissardi (2009a), Sguissardi (2010) e Machado & Bianchetti (2011) já trataram amplamente as características e as condições de existência deste fenômeno na literatura brasileira, sobretudo no contexto da educação. Nesta linha de pensamento, Godoi & Xavier (2012, p. 456) consideram que “a própria definição [do produtivismo] é dialética, pois já engendra em si a crítica: forma de avaliação centrada na quantidade pura e simples de produções/publicações, em geral pouco lidas ou que não tem maior importância científica, e que serve de parâmetro básico para as mais diversas formas de progressão na carreira acadêmica”. Visto por este prisma, é perceptível que o produtivismo entendido como um fenômeno não é exclusivamente formado no campo da administração e nem mesmo no contexto/ambiente da pós-graduação, mas sim naquilo que temos criado como ciência e como forma de ver o mundo. O produtivismo, desta maneira, torna-se uma lente que é calibrada, sobretudo pelas mãos daqueles envolvidos com a construção do conhecimento.

O produtivismo ou a produção em grande escala de trabalhos científicos em Administração tem crescido ano após ano na pós-graduação impulsionado ora pelas exigências governamentais e pelos órgãos de fomento à pesquisa ora via a busca por

delimitações de territórios e conquistas pessoais. Vemos este fenômeno presente em nível de mestrado, doutorado e também na prática de docentes. Em outras palavras, é possível perceber que a necessidade de produção de artigos influencia toda a academia e o retrato disso é a produção de *commodities* acadêmicas (Godoi & Xavier, 2012).

No entender de Alcadipani (2011a, p. 1175) “as regras de mensuração da produção acadêmica foram inseridas no nosso mundo como uma ‘vacina’ contra a total falta de ‘controle’ e de ‘avaliação de desempenho’ da carreira acadêmica tradicional”. No entanto, para Trein & Rodrigues (2011, p. 789-790) medimos para “esconder o fato de que, na sociedade capitalista, não há lugar, poder, dinheiro, enfim, mercadorias para todos”, ademais, como não há lugar ao sol para todos, como prega o sistema capitalista, “mede-se para simultaneamente justificar e manter alguns poucos gozando a mercadoria (e, em particular, o conhecimento-mercadoria)”.

Neste mesma direção, Faria & Meneghetti, (2010, p. 41), revelam que:

A consolidação da indústria do ensino faz das universidades fábricas da mercadoria “conhecimento”. Pesquisas efetivam-se como linhas de produção gerando o produto ensino. Toda a estrutura burocrática da universidade assemelha-se à de uma fábrica ou à de uma indústria. Mesmo nas instituições públicas, veladamente, a figura do aluno é transformada em cliente. O professor passa a ser prestador de serviço.

Neste sentido, Trein & Rodrigues (2011) evidenciam que o produtivismo se configura como um mal estar que assombra a academia. Inspirados em Marx os autores mostram que o produtivismo se configura como um fetiche do conhecimento-mercadoria ampliado pelo seu *canto de sereia*. De outra forma, ao se deixar influenciar apenas pelo produtivismo científico, onde a prioridade é a quantidade de publicações, segundo Alcadipani (2011a, p. 1175), “o meio universitário foi invadido pela lógica gerencialista, o que gera muitas distorções, pois, em vez de produzir conhecimento, estamos enlatando sardinha em forma de *papers*”. Os resultados disso, segundo o autor são: “artigos fracos, discussões rasas, falta de inovação conceitual, argumentos pouco rigorosos, artigos metodologicamente pífios” (Alcadipani, 2011a, p. 1175). Nesta mesma direção, Godoi & Xavier (2012, p. 458) apontam que a produção em massa de artigos científicos passa a seguir um “ciclo anômalo que mantém o fenômeno produtivista pela caracterização de sua

dimensão mais importante, que deveria ser o principal produto acadêmico entregue à sociedade: o conhecimento científico”.

Segue-se destas discussões que o produtivismo impacta fortemente na vida dos pós-graduandos e é paradoxalmente elemento de prazer e sofrimento. Conquanto, no ambiente de pós-graduação quem consegue jogar *as regras do jogo* consegue cursar as disciplinas, pesquisar, lecionar e produzir diversos artigos científicos. No entanto, aqueles que não conseguem absorver, acabam por prejudicar-se emocionalmente e até passar por turbulências nos relacionamentos sociais e afetivos. Na verdade, as turbulências acabam por vir para todos, tantos aqueles que absorvem e os que não absorvem, só que em níveis distintos.

No cotidiano da pós-graduação observamos e vivemos diversos dramas diariamente, alguns sofrem mais que os outros, todavia, em qualquer conversa informal surgem quase sempre frases como: *'poderíamos escrever um artigo com essa ideia'*, *'a chamada de trabalho para o evento fecha esses dias'*, *'não dormi corrigindo um artigo'*, *'precisamos mesmo publicar quantos artigos esse período?'*, *'posso perder minha bolsa se não publicar!'*, *'não tenho tempo para praticar exercícios físicos'*, *'não vejo minha (meu) namorada (o) faz tempo'*, *'minha família me liga pra saber se estou vivo (a)'* e *'ontem eu chorei por medo de não conseguir'*. Tais considerações demonstram as estratégias adotadas pelos indivíduos para internalizar a lógica produtivista em voga no contexto da pós-graduação em estudo. Neste ambiente temos a inserção de pelo menos três tipos de pós-graduandos: a) aqueles que tentam resistir à lógica do produtivismo; b) aqueles que não veem o produtivismo como um fenômeno que interfere no cotidiano dos pós-graduandos; e c) aqueles que sabem da existência do fenômeno, mas que não veem a necessidade de resistência à lógica. Apesar da existência de ambos os perfis, observamos no cotidiano que o fenômeno acarreta implicações à vida acadêmica de todos os tipos de pós-graduandos. As doenças adquiridas, as fadigas exacerbadas, o discurso de ocupação atrelado ao ambiente de pós-graduação, as exigências por parte das políticas públicas (leia-se normatizações efetuadas pela CAPES) torna-se uma realidade na prática da pesquisa na pós-graduação legitimando um tipo de *práxis* instrumentalizada nos resultados do mercado como colocada por Antunes (2012) sobre a questão da nova morfologia do trabalho. Esta não se vincula somente na prática de pesquisa, mas se estende ao 'mundo da vida' do pós-graduando.

O produtivismo é internalizado de tal forma que o pós-graduando (independentemente dos perfis) se vê numa posição onde ‘publica ou morre’ (Bianchetti & Machado, 2009b). A realidade (ou seja, o espaço onde são compartilhadas as percepções, onde são vivenciadas as experiências, onde os comportamentos são socialmente construídos, onde as atitudes são evidenciadas) que vivemos é bem próxima daquilo que a literatura tem colocado em termos para o âmbito do contexto do trabalho nos moldes fordistas/tayloristas. Os estudantes tornam-se então uma moeda de troca. Vale mais aquele que consegue se estabelecer pela competência do publicar. Criamos então um local onde a competição enobrece o currículo de figurões ou até mesmo ‘cafetões acadêmicos’ como asseverou Wood Jr. (2014). Criamos uma nova lógica ao ambiente da pós-graduação, criamos o “*Homo Lattes*” que passou a ser um elemento caracterizador da ‘Academia Tropical’. Da mesma forma que vemos pessoas se orgulhando de tornarem-se objetos na sociedade de consumo, vemos os pós-graduandos tornando a prática de pesquisa mais um desses objetos. A prateleira (falando do *lattes*) online cheio de *papers* jamais lidos, apenas retalhados e remendados. O conteúdo? O grito de liberdade é a estante cheia de *papers*. Em suma, sobre o ambiente dos pós-graduandos? Em geral, tem sido caracterizado por um ambiente de constante trabalho e busca por cumprir metas, isto é, produção acadêmica. Este artigo? Não é possível negar que também é incentivado por essas práticas, mesmo diante da tentativa de fazer uma (auto) reflexão sobre elas.

Por conseguinte, a partir do momento em que assumimos que a prática da produção de artigos é um fator de diferenciação do indivíduo em relação aos demais colegas na academia passamos a ser colonizados pela lógica do trabalho nos moldes capitalistas em um ambiente, como falamos anteriormente, de *não trabalho*. Passamos a replicar e a propagar a lógica mecanicista de produção de artigos que nos coloca como meros indivíduos prisioneiros de uma gaiola e de uma utopia que nos garantirá as posições almejadas no futuro. Com isso, a produção em massa de artigos tira dos nossos olhos a reflexividade, como bem lembrou Alcadipani (2011a). Neste instante é preciso saber por que, como e para quem estamos produzindo. Há pressão da estrutura, e essa pressão passa a ser internalizada de tal forma que mesmo o pesquisador podendo fazer o mínimo, ele precisa fazer mais e assim criamos padrões paralelos – a diferença entre o trabalho prescrito e o trabalho real. Temos um discurso sobre ciência e ao mesmo tempo temos uma prática acadêmica produtivista que, em certo sentido, pode ser completamente incoerente



com a ciência. Essa crítica remete ao movimento do *Slow Science* (Salo & Heikkinen, 2011; Patrus et al., 2013).

O professor precisa ter a tranquilidade de que quando ele atingir certo nível de desenvolvimento intelectual e senioridade em uma dada área, ele não será descartado por não fazer pontinhos. A academia precisa, urgentemente, rever o caminho que está trilhando, pensar em uma nova maneira de se organizar que leve em consideração as suas peculiaridades e sua finalidade social (Alcadipani, 2011a, p. 348).

As discussões levantadas nos apresentam que o produtivismo enquanto produto de um ambiente de *não trabalho* não pode ser compreendido unicamente pela estrutura da pós-graduação, nem mesmo pelos indivíduos e suas práticas. Dessa forma, utilizamos a seguir uma abordagem que busca superar essas dualidades. Assim, na seção seguinte, perpassando por debates sobre sofrimento e prazer dos pós-graduandos buscamos uma abordagem integrada através da categoria teórica subjetividade coletiva. Por fim, voltamos às discussões sobre trabalho acadêmico e apresentamos que a visão do ambiente da pós-graduação como um local de *não trabalho* não é coerente com a realidade atual.

### **3 Trabalho Acadêmico: Sofrimento, Prazer, Subjetividade, Memória e Criatividade**

Instigados pelas nossas percepções acadêmicas e corroborados pelas conclusões do estudo realizado por Méis *et al.* (2003) indicamos que a pressão por comunicar a produção científica no meio acadêmico está levando a uma exorbitante competitividade entre os pesquisadores. Portanto, neste ensaio, abrimos o debate sobre o trabalhador acadêmico com a pergunta popular: 'afinal, você também trabalha?'. Como observado, apesar de pessoas que não estão ligadas ao processo de *trabalho* acadêmico considerarem o mesmo como um espaço de *não trabalho* vimos que o ambiente da pós-graduação em administração converge para uma lógica presente no mercado. Na verdade, observamos que a cada vez mais o trabalho acadêmico se aproxima do trabalho proletariado (Alcadipani, 2011a). Para avançarmos nas discussões apresentamos a categoria teórica subjetividade coletiva, na busca por superar as dicotomias clássicas do pensamento sociológico. Esta categoria teórica articula dialeticamente os polos da ação e estrutura



(Domingues, 1999a). Ela "pode incluir diversas formas de agrupamentos sociais, que variam segundo o nível ou grau de centramento" (Silva, 2001, p. 171).

Nesse sentido, nosso agrupamento em foco é o grupo da pós-graduação de uma instituição de ensino superior federal. Mesmo com o tamanho limitado este sistema social é complexo, permeado por regras, normas e demandas do atual sistema de avaliação do ensino superior, bem como, dos próprios pós-graduandos com suas expectativas construídas individualmente e socialmente. Assim, pensar através dessa categoria se torna importante ao ponto que ela considera as interações dos sistemas sociais sem desqualificar o papel dos atores individuais (Domingues, 1999b). Isso é fundamental, ao ponto que "a dinâmica da constituição do imaginário social, das relações sociais e dos meios que intervêm nas relações da humanidade com a natureza depende das opções (deliberadas ou não) das coletividades sociais (que podem reconhecer-se como tais ou não) e das relações que dialeticamente tecem no curso de sua interação" (Domingues, 1999b, p. 3). Portanto, a vida social é produto tanto da ação individual quanto do coletivo e assim, ora, não pede exclusividade de nenhum desses.

Nessa direção, podemos compreender o trabalho na pós-graduação e sua acepção no senso comum como *não trabalho* mediante o entendimento que é uma construção individual e social, permeado por subjetividades, ilusões e criatividade. No entanto, o campo específico dos atores passa a ser regido por normas externas (estrutura) que são fortemente incorporadas nos valores e comportamentos dos atores quando demandam (e se cobram) por um número elevado de publicações, por exemplo. Nesse sentido, apesar das especificidades se tem um processo de produção similar a uma fábrica. Em certas circunstâncias, é possível observar pós-graduandos cobrando explicitamente de seus colegas metas e desempenhos que ele próprio considerou, em algum momento, desnecessários ou incoerentes como o trabalho nesse ambiente. Tal comportamento, incorporando as regras e argumentos do sistema na esfera individual, alimentam os índices produtivistas e a precarização do trabalho nesse espaço social.

A noção de identidade do pós-graduando pode ser interpretada então como heterogênea e mostra-se contingente nas relações individuais e coletivas. O sistema social pode então ser mais ou menos centrado e com identidades mais ou menos definidas, já que "a subjetividade coletiva é algo fluido e encontra-se sob permanente pressão, interna e externa" (Domingues, 1996, p. 186). Nessa direção, quando os pós-graduandos tentam se procura estabelecer uma identidade específica os indivíduos são impelidos por avaliações

que geram competitividade entre os próprios pós-graduandos. Tais identidades são permeadas por relações tipicamente mercantis.

No ambiente acadêmico a construção da identidade do discente está imbricada também com sua relação com os pares, seja em sala de aula, nos trabalhos acadêmicos, nos grupos de pesquisas, nas relações com os orientadores e em outros momentos, uma vez que, nestes espaços há em certo sentido trocas materiais e afetivas (Bispo & Helal, 2013). Assim,

O trabalho também é uma possibilidade de inserção social, devido ao encontro do trabalhador com muitos outros dentro do mesmo espaço ou fora dele, deixando de ser apenas uma atividade para ser também uma forma de relação social. Participar desse mundo social possibilita o aprimoramento da subjetividade, pois tornar visível o saber-fazer, a inteligência e a experiência de trabalhar é uma forma de obter o reconhecimento dos outros, receber o julgamento dos outros. Para deixar de ser invisível e ser reconhecido, o trabalhador precisa estar em cooperação com seus pares (Lima et al., 2013, p. 49).

Nesse sentido, as construções sociais na pós-graduação, mesmo as manifestações consideradas como individuais como um *paper*, um relato, uma aula, quando recriam os mesmos modelos predominantes do campo são mais facilmente validados e facilitam a construção de relações e a própria consolidação do indivíduo nesse campo (programa de pós-graduação) em relação a outros. Quando mediadas pela reflexividade tais manifestações também podem produzir tais efeitos, mas com riscos de aceitação, de perdas, críticas para o pós-graduando. A opção pelo caminho mais seguro aos poucos transforma o trabalho da pós-graduação em uma prática 'adestrada' e amedrontada. Desta forma, os possíveis potenciais emancipatórios de um sistema de proletariado acadêmico residem então na própria dialetização das relações ação-estrutura.

Consideramos que a identidade de pós-graduandos, é formada dentro de um sistema (constituídos por regras, normas, relações de poder) e também pela ação do sujeito enquanto mestrando ou doutorando - sejam ações em prol desse sistema ou que buscam novas saídas através de elementos da criatividade social. Consequentemente, não nos esqueçamos que,

É claro, indivíduos e sistemas sociais menores, mais estáveis ou efêmeros, decerto contribuem para a mudança e a reprodução históricas, seja por meio de desejos e projetos explícitos, seja a partir de consequências não intencionais da ação e do

movimento que indivíduos e coletividades produzem ao perseguirem suas metas, por vezes inclusive em oposição a elas (Domingues, 2003, p. 475).

Buscamos mostrar, assim, que as relações e ações nos programas de pós-graduação são constituintes das identidades dos sujeitos e que o modelo atual pautado em produtivismo acadêmico impacta e causa dialeticamente prazer e sofrimento, já que estrutura as regras de funcionamento do campo e, conseqüentemente, os critérios de sucesso ou fracasso nessa esfera com os quais os trabalhadores precisam aprender a lidar, mas que, incorporados pelos sujeitos influenciam suas trajetórias pessoais e profissionais, nas quais muitas vezes reproduzem tais regras em ambientes distintos. Isso tudo é dialeticamente resultante dos vínculos objetivos e subjetivos que são criados com o programa.

Os vínculos subjetivos se relacionam com pertencimento, expectativas, possibilidade de realização, reconhecimento, dentre outros (Faria & Schmitt, 2007). No contexto específico da Administração, Bispo & Helal (2013), revelam que tais expectativas estão associadas ao sentimento de prazer pelos discentes na pós-graduação, além destes, os autores elencam a expectativa de melhoria das condições vida, como autonomia financeira e emancipação da família. No entanto, quando estas expectativas não são alcançadas, transformam-se em sofrimento para o discente, pois o mesmo se sente angustiado, ansioso, chegando até a duvidar de sua capacidade individual e, conseqüentemente, sua formação poderá ser afetada (Bispo & Helal, 2013). No caso da pós-graduação um dos principais vínculos objetivos é a bolsa de estudos e para muitos a possibilidade de perdê-la se constitui um fator de sofrimento. Destaca-se que esse medo se justifica por construções também subjetivas; afinal a perda de uma bolsa de estudos, além de inviabilizar a continuidade de um curso, pode sinalizar a incompetência e o fracasso do indivíduo mesmo que os critérios para tal não sejam legítimos.

Não podemos esquecer que a escola Dejouriana é de suma importância para a compreensão da carga psíquica sobre o trabalho na pós-graduação. Pela concepção de Dejours (2004) é possível compreender que o trabalhador não se configura como um organismo mecânico, ele possui uma história pessoal marcada pelas suas aspirações, desejos, motivações, necessidades psicológicas que constituem toda sua história. O trabalhador, assim em razão da sua construção histórica, “dispõe de vias de descarga preferenciais que não são as mesmas para todos e que participam da formação daquilo que denominamos estrutura da personalidade” (Dejours et al., 1994, p. 24).

O trabalho do ponto de vista humano está relacionado à percepção que o indivíduo tem sob o ambiente que o circunscreve. Em outras palavras na concepção de Dejours (2004, p. 34) “se o trabalho pode gerar o pior, como hoje, no mundo humano, ele pode, também, gerar o melhor. Isto depende de nós e de nossa capacidade de pensar as relações entre subjetividade, trabalho e ação”. Nesse sentido, “a psicodinâmica do trabalho leva em consideração que o trabalho não é redutível a uma atividade de produção no mundo objetivo, mas uma possibilidade de transformar a si mesmo, ocasião em que a subjetividade é sempre testada, pois trabalhar também é viver junto” (Lima et al., 2013, p. 49).

Oleto et al. (2013) revelam que os aspectos relacionados aos sentimentos de prazer e sofrimento no trabalho, aqui o visualizamos tanto em nível organizacional e acadêmico, estão imbricados a um conglomerado de fatores que irá depender da subjetividade dos sujeitos, que ora pode encontrar alternativas estratégicas de saídas do sofrimento. Não as encontrando, o sofrimento transforma-se numa patologia para o trabalhador/estudante de pós-graduação. No estudo conduzido pelos pesquisadores a respeito das relações entre formação de pesquisadores e sofrimento psíquico, evidenciou-se sofrimentos como: angústia, estresse, preocupação, ansiedade, tensão decorrentes da relação acadêmica, como condução do projeto de pesquisa, o processo de comunicação dos trabalhos, a construção do conhecimento de forma independente, bem como os problemas institucionais. Já como prazer, foram evidenciadas questões relacionadas a reconhecimento, flexibilização, desafios e poder (Oleto et al., 2013).

Assim, para compreendermos as questões relacionadas ao sofrimento e ao prazer na pós-graduação em Administração, não podemos nos desvencilhar, ou melhor, não podemos esquecer-nos das relações e das condições de trabalho, das regras de fomento, das colaborações estabelecidas, da posição do programa de pós-graduação no campo, do nível de reconhecimento e do *estilo científico* do orientador; bem como, do produtivismo atual que impacta em todas estas dimensões. Tais fatores impactam diretamente o processo de formação do discente e demandam reflexões ininterruptas (Louzada & Silva Filho, 2005).

Além disso, entre o discente e o programa, como também as demais estruturas vão sempre existir rupturas e permanências. Isso porque "a vida social não é estática; mas não é completamente fluida: o grau de estruturação dos sistemas sociais é relativo, podendo

chegar a reificações tenazes, e o mesmo pode ser dito de processos que podem engatilhar mudanças nessas mesmas estruturações" (Domingues, 1999b, p. 11).

Muitos de nós alcançamos prazer e realização com a publicação de um artigo e isso traz reconhecimento por seus pares e pela estrutura acadêmica, mas isso não basta. A subjetividade capitalista (aqui entendida a partir da crença subjetivamente construída e compartilhada de que o capitalismo e seus produtos podem vir a ser uma saída para o desenvolvimento de determinado grupo social) e acadêmica (há risco de pleonasmo aqui!), se devidamente incorporada pelo trabalhador (pós-graduando), vai criar ao mesmo tempo um conflito interno nesse sujeito que em lugar de comemorar um resultado positivo já pensa na longa e tortuosa jornada para novas publicações em reduzido número de periódicos (altamente qualificados) e num curto espaço de tempo. Ou seja, o prazer torna-se sofrimento no ciclo vicioso do produtivismo acadêmico. E onde está a formação para carreira docente, razão pela qual alguns ainda optam pela pós-graduação. Essa relação leva muitos mestrandos e doutorandos a se desencantarem com o trabalho no meio acadêmico. O abandono para alguns pode ser uma saída diante de oportunidade de *trabalho* (legitimado) no 'mercado'. Outros, pela sua construção social e material, relações econômicas e do próprio *ego* e identidade, não podem simplesmente abandonar (existem laços materiais e simbólicos que o prendem a esse sistema). Além disso, a desistência pode representar em uma sociedade de responsabilização do indivíduo (enclave de uma ideologia liberal) um fracasso e a culpa pela incapacidade.

A miúdo, no entanto, existem nesse processo dinâmicas diferenciadas construídas a partir da subjetividade coletiva, no encontro com trajetórias pessoais de grupos específicos, manifestações de resistência, criação de espaços de reflexão, experiências de prazer. Isso acontece em grupos de estudo, parcerias de trabalho, produções refletidas e longamente debatidas, na interação com graduandos numa aula esporádica, na descoberta nos argumentos de um autor, projetos construídos 'em fogo brando', que atendem aos sujeitos sem ferir totalmente as regras do jogo. A maior parte desses ocorre informalidade das relações, na periferia das regras, nas fronteiras de áreas de conhecimento e espaços de produção. Assim, não cabe apenas criticar a tirania da estrutura.

Nesse sentido, Mattos (2008; 2012) nos alerta para a polarização e censura do sistema de avaliação atribuindo a ele a culpa pelo produtivismo. Para o autor com ou sem CAPES o produtivismo faz parte da atual realidade acadêmica (Mattos, 2012; Patrus et al., 2013).

O foco aos "pés" obriga a dizer, de início, a quem se supõe que pertençam, ou seja, que significado para "produtivismo" se adota. A crítica que inicialmente bem correspondia ao "ismo" pode estar passando. Prosseguem conseqüências terríveis em nível individual, como a confusão entre carreira e currículo (vítima da chamada "obesidade curricular") e a absorção pessoal desmesurada ("produzir é preciso, viver, se sobrar tempo"), mas o problema hoje tem novas proporções e está aí, com CAPES ou sem CAPES (Mattos, 2012, p. 566).

Para o autor, deve-se ser cauteloso, afinal, "produtivismo torna-se a expansão da má produção acadêmica, porque a boa, quanto mais, melhor" (Mattos, 2012, p. 566). Nessa direção, o próprio Alcadipani (2011b, p. 1177) adverte:

[...] fugir do discurso fácil de que a Capes é o demônio. Deveríamos nos recusar a produzir artigos somente pela produção. A Capes exige-nos apenas 50 pontos por ano, não mais que isso. Mas o fato de a Capes não ser o demônio está longe de significar que a sua forma de avaliar é correta. O sistema está falido, caduco e precisa ser reformulado para valorizar a boa formação dos alunos e a produção acadêmica de qualidade.

Na perspectiva, aqui adotada é reducionista "vitimizar os pesquisadores ou demonizar as agências de fomento à pesquisa" (Vizeu et al., 2012, p. 11). Mesmo assim, consideramos que as instituições de fomento e avaliação possuem seu peso na propagação e institucionalização do produtivismo. As metas de produtividade científica, junto a outras metas relacionadas ao ensino, pesquisas e atividades burocráticas na instituição de ensino - que não devem ser esquecidas e fazem parte efetivamente do trabalho da pós-graduação em administração - acaba por se tornar de difícil alcance.

Adiante, as propostas de mudanças são diversas, no entanto, o produtivismo faz parte de uma lógica maior que se configura pelo sistema de pós-graduação presente tanto no âmbito nacional quanto internacional (Magro et al., 2013). E, tal imposição tende de certa forma, a aumentar ainda mais o sofrimento, pois, os discentes sentem-se receosos em não atender às expectativas individuais, dos professores e dos programas. Dessa forma, "a construção de propostas de ação mais democráticas certamente esbarra, assim como nós, em mecanismos de poder e dominação que são fortes no âmbito acadêmico, mas cujos efeitos vão além das fronteiras desse campo" (Mafra et al., 2012, p. 62).



Destarte, o ambiente de trabalho e suas relações proporcionam a construção de uma identidade coletiva por processos de identificação conscientes (ou não) e subjetividades coletivas. Na realidade, "a própria construção da identidade coletiva passa por processos de 'identificação', que se tecem nos processos interativos, os quais, entretanto não são homogêneos e isentos de inconsistências internas [...]" (Domingues, 1999a, p. 63).

Ao abandonarmos uma visão dicotômica caminhamos na direção de novas formas de viver e sobreviver à pós-graduação. Para Domingues (1999a, p. 64) é "transformando criativamente a interpretação do presente e do passado, a reflexividade pode propor novos horizontes para o futuro". De tal forma, o aprendizado se torna coletivo e individual e se articulam por meio de subjetividades coletivas. Esses processos criativos e imaginários formados por teias de interpretação coletiva e individual permitem a nós atribuir ao futuro um sentido de indeterminação e com isso nos possibilita escrever, teorizar e agir tendo em vista que a mudança, novas configurações e estruturações são possíveis. Os ambientes criados e os grupos de trabalho nos proporcionam essa resistência - uma resistência coletiva. Esses grupos não propriamente os de pesquisa, e sim, grupos informais, amigáveis, conversas e relacionamentos virtuais (e outros vínculos) que extrapolam o ambiente acadêmico. Mesmo que muitas vezes, isso seja inviabilizado pelos mecanismos que alimentam um processo de competição entre os pesquisadores como também entre os alunos (Patrus et al, 2013).

Entretanto, nos resta questionar: Mas como fazer isso sem o reconhecimento e autorreconhecimento (já que a subjetividade social também se relaciona com a individual) desse trabalho? Como despender maior energia em processos de mudança quando ele vai 'contra a corrente' do que se demanda do trabalho na pós-graduação?

#### **4 À Guisa de uma Autorreflexão Final**

Começamos este artigo discutindo que o atual trabalho acadêmico se aproxima de um trabalho proletariado nos moldes taylorista-fordista. Apresentamos uma tentativa de compreensão não polarizada das relações de trabalho dos pós-graduandos em Administração. Nesse sentido, caminhamos para o final deste trabalho como sujeitos que observam o próprio campo e as dinâmicas onde estamos inseridos. Neste sentido partimos para a construção deste trabalho da realidade cotidiana para busca de uma teorização das relações observadas – *todo conhecimento é autoconhecimento* (Santos, 2010). Ao



procurarmos de forma ecumênica compreender um fenômeno com autores da sociologia, da psicologia e dos estudos organizacionais esperávamos romper com as discussões que se pautam exclusivamente nos problemas psicológicos bem como as que abordam unicamente a questão da estrutura acadêmica dos sistemas de pós-graduação. Assim, procuramos uma conexão entre o produtivismo acadêmico e o modelo de trabalho capitalista, mostrando que a visão do ambiente da pós-graduação como um local de *não trabalho* não é coerente com a realidade atual.

Ao constatar que a Administração é um campo marcado pelo pluralismo de teorias, ontologias e metodologias o estudante de pós-graduação pode passar a compreender o trabalho acadêmico como não mecânico. A partir do momento em que ele reflete sobre sua prática e age (ou busca agir) ciente das relações e pressões impostas por uma estrutura, tanto quanto da sua própria ação individual e principalmente coletiva, ele pode se tornar capaz de uma *indocilidade refletida* (em alusão à Foucault).

Através da ressignificação do ambiente em que estamos inseridos poderemos desenvolver estratégias de resistência que não sejam apenas individuais. Assim, referimo-nos as conversas, debates, risos, nos grupos de pesquisa informais, nos cafés, nas amizades, nos fins de semana, nas conversas frequentes nas redes sociais, nas piadas e ironias coletivas e em outros tantos momentos em que construímos subjetividades, e outras memórias que nos ajudam na realização do trabalho e também na prática como sujeitos. Essas estratégias, por sua vez, passam a compor ilustrações do imaginário coletivo ou mesmo subjetividade social que caracteriza o trabalho na pós-graduação. Nessas experiências que se formam com teoria, prática e *práxis* somos constantemente tocados. Nessas relações podemos criar novas formas de trabalho e buscar resistir as existentes com estratégias que ajudam a superar as pressões e as demandas na tentativa de manter o equilíbrio emocional e psíquico. Mas isso não é regra. E, mesmo compondo o campo, tais estratégias não têm até então contribuído para mudar o próprio campo (estratégias de defesa). Contraditoriamente, a prática reflexiva que teoricamente caracteriza a pós-graduação e que seria uma alternativa para enfrentar os problemas produzidos também por e nesse campo não tem tido a possibilidade de florescer.

Esperamos ter levantado novos debates sobre os desafios da formação do pós-graduando no âmbito dos cursos *stricto sensu* em Administração e críticas ao modelo atual pautada na produtividade acadêmica. De forma ampla, lembramo-nos das palavras de Rubem Alves ao refletir sobre as variações do prazer e sobre a educação (Alves, 2011). Para

o autor é preciso que a educação seja vista como algo erótico para se tornar uma fonte de prazeres. Neste sentido, refletimos sobre a prática de pesquisa em administração como algo ligado ao sujeito marcado por suas aspirações, desejos, motivações e à subjetividade coletiva e as estruturas. Talvez, precisamos de mais vínculos, mais efetividade, mais Eros (Paes de Paula, 2013).

Portanto, apesar das limitações, a reflexividade é elemento fundamental para a resistência, para a sobrevivência e para a concretização de mudanças efetivas no campo da pós-graduação no qual o trabalho desenvolvido seja reconhecido como 'trabalho'. Concomitantemente, este artigo se insere também em um espaço de debates sobre a prática de pesquisa em administração. O significado de prática, neste não remete somente à ação, mas sim a possibilidade de estabelecer a reflexividade (enquanto possibilidade de saída pela *práxis*). Por iguais razões, propomos uma reflexão que também é, além de tudo, autorreflexão realizada por aqueles cujas mãos, memórias, criatividade, subjetividades, sofrimentos e prazeres construíram o presente ensaio.

Diante do quadro proposto, o caminho é, por consequência, desafiador e as tentativas criativas e coletivas de escapar da proletarização acadêmica são, por hora, limitadas. Não obstante, é com alguma esperança que indicamos com Domingues (1999a, p. 241) que "um pouco de utopia não faz mal a nosso mundo tão desencantado e feio, especialmente se conectada a proposições práticas, que visem largas transformações, mas que sejam fraseadas como estratégias de alcance médio".

## Referências

- Aktouf, O. *Pós-Globalização, Administração e Racionalidade Econômica: a síndrome do avestruz*. São Paulo: Editora Atlas, 2004.
- Alcadipani, R. A Academia e a Fábrica de Sardinhas. *Organizações & Sociedade*, 18, 2011a.
- Alcadipani, R. Resistir ao produtivismo: uma ode à perturbação Acadêmica. *Cadernos EBAPE.BR*, 9, 2011b.
- Alves, R. *Variações sobre o Prazer*. 7. ed. São Paulo: Editora Planeta, 2011.
- Antunes, R. (Org.). *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual*. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009. v. 1.
- \_\_\_\_\_. *Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 6. reimp. São Paulo: Boitempo editorial, 2003.
- \_\_\_\_\_. A nova morfologia do trabalho no Brasil: Reestruturação e precariedade. *Nueva Sociedad*, 1, 2012.
- Amorim, H. As teorias do trabalho imaterial: uma reflexão crítica a partir de Marx. *Cad. CRH*, Salvador, 27, 2014.
- Appay, B.; Thébaud-Mony, A. Precarização Social. In: Hirata, H. et al. (Orgs.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- Bertero, C. Réplica 2 - o que é um ensaio teórico? Réplica a Francis Kanashiro Meneghetti. *Revista de Administração Contemporânea*, 15, 2011.
- Bianchetti, L.; Machado, A. M. N. *Publicar & morrer!?* Análise do impacto das políticas de pesquisa e pós-graduação na constituição do tempo de trabalho dos investigadores. *Educação, Sociedade & Culturas*, Porto, 2009b.
- Bianchetti, L.; Sguissardi, V. (Orgs.). *Dilemas da Pós-Graduação: gestão e avaliação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2009a.
- Bispo, A.; Helal, D. A Dialética do Prazer e Sofrimento de Acadêmicos: um estudo com mestrandos em Administração. *R. Adm. FACES Journal*, Belo Horizonte, 12, 2013.
- Braverman, H. *Trabalho e Capital Monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- Cardoso, L. A categoria trabalho no capitalismo contemporâneo. *Tempo soc.*, 23, 2011.
- Costa, A. ; Barros, D.; Saraiva, L. Management Industry. *Cadernos EBAPE.BR*, 12, 2014.
- Dejours, C. Subjetividade, trabalho e ação. *Produção*, São Paulo, 14, 2004.
- Dejours, C.; Abdoucheli, E.; Jayet, C. *Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 1994.
- Domingues, J. A subjetividade coletiva e a coordenação da economia. *Lua Nova*, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Criatividade social, Subjetividade Coletiva e a Modernidade Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999a.
- \_\_\_\_\_. Sociologia da cultura, memória e criatividade social. *Dados*, 42, 1999b.
- \_\_\_\_\_. Vida cotidiana, história e movimentos sociais. *Dados*, 46, 2003.
- Faria, J.; Meneghetti, F. (Sem) saber e (com) poder nos estudos organizacionais. *Cad. EBAPE.BR*, 8, 2010.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. O sequestro da subjetividade e as novas formas de controle psicológico no trabalho. In: FARIA, J. H. (Org.). *Análise crítica das teorias e práticas organizacionais*. São Paulo: Atlas, 2007.
- Faria, J.; Schmitt, E. Indivíduo, vínculo e subjetividade. In: FARIA, J. (Org.). *Análise Crítica das Teorias e Práticas Organizacionais*. São Paulo: Atlas, 2007. v. 1.
- Godoi, C.; Xavier, W. O produtivismo e suas anomalias. *Cadernos EBAPE.BR*, 10, 2012.

- Grisci, C. Trabalho imaterial, controle rizomático e subjetividade no novo paradigma tecnológico. *Revista de Administração Eletrônica*, 7, 2008.
- Lima, M. et al. O sentido do trabalho para pessoas com deficiência. *Revista de Administração da Mackenzie*, 14, 2013.
- Louzada, R. ; Silva Filho, J. Formação do pesquisador e sofrimento mental: um estudo de caso. *Psicologia em Estudo*, 10, 2005.
- Machado, A. ; Bianchetti, L. (Des)feticização do produtivismo acadêmico: desafios para o trabalhador-pesquisador. *Revista de Administração de Empresas*, 51, 2011.
- Mafra, F. et al. Ensino-aprendizagem numa perspectiva crítica: relatos de uma experiência. *Revista de Administração Mackenzie*, 13, 2012.
- Magro, D.; Secchi, L.; Laus, S. A Nova Gestão Pública e o Produtivismo Imposto pela CAPES: Implicações na Produção de Conhecimento Científico nas Universidades. *Anais do XXXVII EnANPAD 2013*.
- Marx, K. *O Capital: crítica da economia política*. v. 1, São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- Mattos, P. Nós e os índices – a propósito da pressão institucional por publicação. *Revista de Administração de Empresas*, 48 2008.
- \_\_\_\_\_. Pés de barro do texto "produtivista" na academia. *Revista de Administração de Empresas*, v. 52, n. 5, 566-573, 2012.
- Méis, L. et al. The growing competition in Brazilian science: rites of passage, stress and burnout. *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*, 36, 2003.
- Meneghetti, F. O que é um Ensaio-Teórico? *Revista de Administração Contemporânea*, 15, 2011a.
- \_\_\_\_\_. Tréplica - O que é um Ensaio-Teórico? Tréplica à Professora Kazue Saito Monteiro de Barros e ao Professor Carlos Osmar Bertero. *Revista de Administração Contemporânea*, 15, 2011b.
- Oleto, A.; Melo, M.; Lopes, L. M. Análise bibliométrica da produção sobre prazer e sofrimento no trabalho nos encontros da associação nacional de pós-graduação em administração (2000-2010). *Psicologia: ciência e profissão*, 33, 2013.
- Paes de Paula, A. Crítica, afetividade e criação de sentidos nos estudos organizacionais. *Revista Espaço Acadêmico*, 13, 2013.
- Patrus, R.; Dantas, D.; Shigaki, H. B. Produtivismo e solidariedade acadêmica: dois lados da mesma moeda?. *Anais do IV EnEPQ (ANPAD)*, 2013.
- Ramos, A. *A Nova Ciência das Organizações: uma reconceitualização da Riqueza das Nações*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1981.
- Reed, M. Teorização Organizacional: um campo historicamente contestado. In: Clegg, S.; Hardy, C.; Nord, W. *Handbook de Estudos Organizacionais*. São Paulo: Atlas, 1999.
- Salo, P.; Heikkinen, H. *Slow Science: an alternative to macdonaldization of the academic lifestyle*. 2011. <http://slowscience.fr/wp-content/uploads/2011/07/Slow-Science-English-2011.pdf>.
- Santos, B. *Um Discurso sobre as Ciências*. 16. ed. Porto: Afrontamento, 2010.
- Sguissardi, V. Produtivismo acadêmico. In: Oliveira, D.; Duarte, A. ; Vieira, L. (Orgs.). *Dicionário de Trabalho, Profissão e Condição Docente*. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Educação/UFMG, 2010.
- Silva, J. Sobre a teoria da subjetividade coletiva. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 16, 2001.
- Trein, E.; Rodrigues, J. O mal-estar na Academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento-mercadoria. *Revista Brasileira de Educação*, 16, 2011.
- Vizeu, F.; Graeml, A.; Macadar, M. Produtivismo acadêmico a partir de uma perspectiva Habermasiana. *Anais do XXXVI EnANPAD*, 2012.
- Weber, L.; Grisci, C. Trabalho imaterial bancário, lazer e a vivência de dilemas pessoais contemporâneos. *Revista de Administração Contemporânea*, 15, 2011.
- Wood Jr, T. A Academia Tropical. *Carta Capital*, São Paulo, 2014.



### **Josiel Lopes Valadares**

Possui graduação (2011) e mestrado (2013) em Administração pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Atualmente é doutorando em Administração pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Atua também como professor substituto no Departamento de Administração e Economia (DAE) no Bacharelado em Administração Pública na UFLA. Atua em projetos de pesquisa relacionado à administração pública com enfoque para as articulações entre o empreendedorismo, políticas públicas e gestão pública. Coordena o projeto de Extensão apoiado pela PROEC/UFLA Gestão Pública e Cidadania: a inclusão de pessoas com deficiência na esfera pública no município de Lavras. Tem experiência na área de Administração, atuando nos seguintes temas: Administração Pública, Empreendedorismo, Gestão de Pessoas e Estudos Organizacionais. É revisor dos periódicos APGS, Revista de Administração da UFSM e de eventos como o SEMEAD, ENAPEGS, SINAD/UFLA e outros. Participa do Núcleo de Estudos em Administração Pública e Gestão Social NEAPEGS, UFLA. É membro da comissão organizadora e científica do VI SINAD e V EMAPEGS, 2015.

email: adm\_josiel@yahoo.com.br

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4460783445382011>



### **Alex dos Santos Macedo**

Bacharel em Gestão de Cooperativas pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). É mestrando em Administração pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Participa do Grupo de Pesquisa e Extensão Gênero, Diversidade em Movimento (GEDIM). Atua em projetos de pesquisa relacionados ao cooperativismo, estudando participação e autogestão. Atuou na Organização das Cooperativas do Estado do Espírito Santo. Foi também professor no Programa Formação de Jovens Lideranças Cooperativas - FOJOLICO.

email: alexmacedo.ufv@gmail.com

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7743318902282361>



### **Valderi de Castro Alcântara**

Possui graduação (2012) pela Universidade Federal de Viçosa - Campus de Rio Paranaíba. É mestrando em Administração pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Participa do Núcleo de Estudos em Administração Pública e Gestão Social (NEAPEGS). Atua em projetos de pesquisa relacionados a Gestão Social, Administração Pública e Estudos Organizacionais. É membro da comissão organizadora e científica do V EMAPEGS - 2015.

email: valderi.alcantara@posgrad.ufla.br

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2870598651094370>



### **Flávia Luciana Naves Mafra**

Graduada em Administração (1994), tem mestrado em Administração com ênfase em desenvolvimento Rural pela Universidade Federal de Lavras (1997) e doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2006). Atualmente é professora da Universidade Federal de Lavras. Trabalha e tem interesse em pesquisas na interface entre administração, ciências sociais, políticas públicas e sociedade e processos de desenvolvimento. É coordenadora do Laboratório de Estudos Transdisciplinares - LETRA, membro do NEORGS e pesquisadora do Programa Pesquisador Mineiro (PPM) FAPEMIG.

email: [flavianaves@dae.ufla.br](mailto:flavianaves@dae.ufla.br)

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4629357550786692>